

# A PLEBE

Redactor principal: Pedro A. Mota

PERIODICO COMMUNISTA-LIBERTARIO

Gerente: Rodolpho Felippe

Redacção, administração e officina:  
LADEIRA DO CARMO, 8  
Espediente á noite

ASSIGNATURAS:  
Anno . . . . . 10\$000  
Numero-anual . . . . . \$100  
Semestre . . . . . 5\$000  
Fascotes: 10 exempl. 1\$000

Toda correspondência, vales e registados devem ser endereçados á Caixa Postal 195,  
8. Paulo - Brasil

## Gritemos bem alto: Abaixo a Guerra!

Quem acompanhar com interesse os acontecimentos mundiaes, verificará não terem sofrido solução de continuidade as fúnebres tendências guerreiras, os perigos de novas chacinas humanas, não se furtando mesmo a estas tristes e perniciosas influencias o continente sul-americano.

Outra coisa não se pode esperar da sociedade burgueza onde a rapinagem é um facto, a educação não existe, a moral desapareceu, os bons sentimentos morreram e a bestialidade, a ferocidade, o banditismo, campeiam, alumiados por um torpe e vesgo patriotismo.

Assim, em um ambiente de letargia, com este propicio ao desenvolvimento das ideias más, é possível, e até, facil a proliferação do sentimento bellicos, tanto mais quando ha interesses mesquinhos sempre envolvidos nessas indecorosas e abominaveis tramas.

O povo, a «ETERNA VICTIMA» accelta de oreilhas murchas tudo que lhe dão ou ordenam, porque já foi educado para escravo. Por isso, mandam-no marchar, elle marcha; mandam-no parar, elle para; mandam-lhe ceifar a vida de seus irmãos e elle ceifa do mesmo modo. Não pensa — obedece.

Mas é preciso que o esclarecamos, que lhe digamos a origem das guerras, quaes os seus beneficos e maleficos. O nosso verbo deve repercutir em todos os corações bem formados. Deve infundir na channada «opinião publicá» para, pelo menos, advir-tir aos magnatas de que nem todo o povo dorme.

Os anarchistas devem fazer ressoar que esse fructo da organização social-vigente, é provocado pelos interesses inconfessaveis de sábulos que vivem do fabrico de armas mortíferas para cuja venda é imprescindivel lançar a discórdia entre dois ou mais paizes, o que é facilissimo.

Basta que um desses intrujões, directo ou indirectamente, pela imprensa que lhes é sempre solícita, proclame que na Argentina pintam os brasileiros de manceos, que a Argentina se arma e diz que o Brasil está importando armamentos, etc.

Artigos destes, os jornaes salientam com uma silhueta bem

retinta, titulos garrafas, ao meio da primeira pagina para que todos lham, e, dada sua educação patriótica, se enfureçam contra o pais visinho.

De facto, no pais visinho pode ter-se dado o que a imprensa daqui assignala. Mas, quem foi o autor ou conivente de semelhantes conceitos ou gravuras?

Os interessados, os forjadores de guerras, os desfrutados especuladores. Para provar o que acima emitimos basta o escaudado ha pouco verificando no Rio em que se envolviam como forjadores de chacinas humanas, entre outros nomes conhecidos, o sr. Carlos Malheiro Dias, cujos continuadores subterraneos ou á luz meridiana, pululam por ali.

Estas considerações nos foram suggeridas pela leitura de uma carta do senhor major Flavio Nascimento publicada na «Patria» de 2 do corrente, elogiando uma conferencia feita por um seu collega na qual fazia a apologia dos gazes asphyxiantes, como «formidavel elemento de guerra decisiva» já tendo tido sua accção na ultima guerra em que os gazes toxicos, asphyxiantes, vezeicantes etc, foram empregados «em escala muito mais desenvolvida do que em geral se pensa».

E, depois de tecer lóas á esse aparelho mortifero, dizendo não se dever emprestar ouvidos ás suggestões lamurientes dos pseudopacifistas e sentimentaes e «que não é mais crua a arma que põe fora de combate pela intoxicação ou pela asphyxia do que a que rasga ventres e estracalha peitos, deforma e esmagá corpos humanos, e isto é o que fazem as armas mecanicas actuaes», aconselha o seu uso no exercito nacional.

Não contentes já em se haverem apropriado dos progressos da mechanica, os apostolos da carnificina, do canibalismo, estendem na suas garras á sciencia de Lavoisier para recommendarem não só a sua applicação a fins ignominiosos como ainda a pedir o «controle» das fabricas do productos chimicos.

Parece incrível, mas estamos ainda em pleho barbarismo. — E que fazer deante disto? — Cruzar os braços?

A. VAZ

Que, o exercito tenha concorrido para o apressamento dessa regeneração politica, está bem; mas o povo, esse povo que virá a serm condemnado a morte dois dos seus irmãos de infortunios—Luiz Nicolau e Pedro Mateu—é bem difficil!

Afinal, como estou no Brasil e não na Hespanha, accetto a communição; mas, para inglês vor.

O Triunpho do Trabalho

Em Noruega (Christiania) os operários em fabricas de fumo e cellulosa, bem como os das industrias que preparam o material para a fabricação do papel, em numero de 25.000, acabam de esahir triumphantes do movimento grevista em que estavam empenhados.

E mais uma constatação de que a organização dos trabalhadores é que torna invencivel e ha potencia do Trabalho sobre a impotencia do Capital.

Em Constantinopla foi decretada a greve geral dos empregados das estradas de ferro orientaes, por queztes de salarios.

Em Dantzig, pelo mesmo motivo, está paralyzado todo o commercio da exportação maritima, devido á greve dos estivadores.

«Oxalá que esses novos batalhões venham de registrar exito completo nas suas justas pretensões».

Literarijque

A proposito da greve dos sapateiros, o tal sr. F. procurou em 3 de Junho do corrente, fazer espirito com a attitudé desses rebeldes contra a prepotencia dos industriaes em calçados.

Mas o sr. F. foi infeliz, porque julgando o autor das notas daquelle classe publicadas na accção operaria do «Fanfala» ignorante ou desconfiado como estylista, nada disse de verdadeiro, porquanto em nenhuma das notas alludidas ha traços de estylistica.

O interessante, porém, é haver isto o mesmo sr. F. que se o batido não se mettesse a fazer literarij não se encontraria ameaçado do prisão.

Ora, sr. F. deixe-se do monices e vá tratar de outros assumptos ou de commentos de estylistica e literarij para mais prontos e seguros do que tratou da greve dos sapateiros nada tem que cheirar á estylistica desta natureza, senão uma exuberante riqueza de estylistique e literarijque.

Parte normal

Um dos novos ministros de um dos governos europeus revelou a um jornalista que no periodo de nove meses haveria de equilibrar a crise financeira do seu país. E no caso de impossibilidade resignaria o escritório.

Mas, nove mezes é o tempo normal da verificação do parto. E se isto não vem á luz é porque não é o parto sadio natural e neste caso, o parturiente tem que se resignar, mas é em chamar uma junta medica que o fará surgir á luz nem que seja ainda mais desequilibrado.

O caso não admite aborto nem desapparecimento do feto.

ATOM

## Uma visita a Sacco e Vanzetti

De regresso de uma estacção geral para as ferias da ríen o corda burguezia americana, á qual me derigi por razoes de trabalho, voltei propriamente a tempo a Dedham, Massachusetts, para assistir aos debates sobre a moção de um novo processo para Sacco e Vanzetti.

Assim, o companheiro, tive a excepcional occasião de assistir a uma scena do grande drama que ha vario tempo agita os homens progressivos de todos os paizes, juntamente com notavel parte da organização operaria. Nos dez minutos de intervalo da audiencia pude ver o pobre Sacco boijar da jaula a sua boa companheira Kosy e tomar nos braços a sua filha. Vi a Vanzetti de olhos vivos e em attitudé plena de dignidade, contente por

achar-se junto do companheiro de desventura, e aproveitando da furtiva tolerancia de um policia da guarda, tive occasião de aproximar-me da jaula durante um meio minuto. Levado-lhes as saudações solidarias do «O Proletario» trocamos reciprocamente algumas palavras de esperança e de augurio. Os dois martyres de faces radiantes me fixaram, mas a magra e clerical figura do velho juiz Thayer estava ali com a sua sombra a ofuscar aquelle momento de alegria.

Assisti aos esplendidos discursos dos advogados de defesa Moore e Thompson. Vi tambem a inquisitorial figura do procurador districtal Hatzman, assistido por outros dois palradores, que falou durante mais de duas horas para repetir, segundo as suas declarações, as razoes por que Sacco e Vanzetti devriam soffrir a infame condemnacão. Ao ouvir falar este homem tive a impressão de que elle tenha nascido de proposito para especular com as desventuras alheias. Esporo, de resto, na habilidade da defesa que apresentando as suas razoes não poderá deixar de fazer triumphar a verdade contra as mentiras dos perseguidores. A 22 de Outubro o tribunal será novamente convocado para discutir outras moções. As agitações proletarias a favor dos presos devem continuar com mais vigor do que antes. Os trabalhadores organizados, por meio de suas unioes devem fazer saber á justiça norte americana que ellas desaprovam as maquinacões e os emburilhos dos perseguidores. Espero que por fim a bom senso e a justiça triumphem, assegurando a proxima libertação de Sacco e Vanzetti.

Aos dois impecches reclamos envio uma fervorosa saudação com a promessa de que não serão esquecidos enquanto continuarem nas horridas cellulas das prisoes de Massachusetts. Nunca esqueceremos. Nunca!

LUIZ ROTA

## Zangam se as comadres

Descobrem-se as verdades e o que está acontecendo com a discussão travada pelos governantes que estão e pelos que largaram a pasta em Setembro do anno passado. Os contractos ruinosos, as obras sumptuarias, o desperdicio dos dinheiros publicos, o desvio dos grandes emprestimos no estrangeiro para fins outros de que aquellas para que foram contrahidos, a valorização do café feita-numas condições leoninas para os banqueiros estrangeiros e desastrosas para a economia do Brasil, tudo isso está vindo á superficie e mostrando para quanto serviu a terramotica e violenta administração do sr. Piteaco, elevando á curul presidencial, como o unico homem que poderia metter nos eixos o Brasil naquello momento de agitação internacional, como o expoente maximo da energia e dos interesses dos grandes latifundistas e fazendeiros do país.

Agora compararmos a um tufo que passasse através o país e lhe desorganizasse todo o organismo economico, deixando-o

com um cambio aviltado e ruinoso devido aos grandes compromissos que contrahiu e aos encargos da divida publica que augmentou phantastica e prodigiosamente.

Mas é isso mesmo. O que os governantes podem fazer é—gastar indefinidamente a custa de impostos pseudissimos e a custa da caresta geral levando as classes proletarias a mais extrema miseria. Para outra coisa não servem, nem nunca serviriam, nem nunca servirão os homens da governança.

O que se precisa é que cada um se governe a si mesmo não delegando nos outros esse encargo espinhoso a que tantos aspiram.

## A proposito do programma

Do artigo de apresentação do jornal «Fede», compilado por (Igi Dardiani); traduzimos os seguintes periodos que não podiam vir mais a talhe de folço para lançar um pouco de luz na barafunda de certos espiritos que implicam com qualquer programma.

«Lemos uma vez—não nos recordamos onde—que um jornal verdadeiramente anarquico não deve impor-se um programma. B'admittimos que um certo piblico nosso, tímido, mas não numeroso, faria commovidissimo se aqui, tomando uma pose tragica, escrevessemos: Amigos, não temos programma algum, apenas factos os programmas. Adrestimo-vos, porém, que seremos por isto contra aquillo: que propozições as seguintes copiamos: «Este nos bateremos contra todas as injusticias, que cantaremos a liberdade em todos os metros, etc.»

Commoo sistema para se divertir com o proximo, para destruir a admiracão dos ingenuos que vêm a intrensencia doutrinarria no vasio rhetoricos dos grandes palavrescos postos em linha e tambem para expor, no mesmo tempo que se nega fezel-o, todo um programma de accão e de pensamento.

Ora, como não queremos vender vagalumes por lanternas, nem usurpar a estilha de quem applica mais as altissonantes e as attitudes estrayagantes do que as exposições claras e os conceitos comprehensivos, é como não queremos construir no vazio castellos de pharases repetidas a perder de vista—começaremos ao contrario por dizer que temos de facto todo um programma a desenvolver e começaremos com explicar qual será a propaganda que faremos e com qual criterio.

Assim, quem quizer estar compasso estará com o conhecimento do causa, e quem dissidir da nossa attitudé e do nosso modo de considerá-lo o anarquismo, não honrará—como com outros tem accceptado—que o enganamos, reterando-nos a ajuda prestada.

Um acto de fé deve ser, tambem um acto de honestidade para com amigos e inimigos.

## 5 DE JANEIRO

Brilhante festival organizado pelo Centro Libertario Terra Livre. Pró «A Plebe» semanal.

## Commentarios . . .

Glorificando a guerra

No dia 4 do corrente a Italia commemorou solemnemente o 5.º anniversario da grande victoria das tropas italianas sobre as austro-hungaras. Para maior brilho a commoção civica foi reunida á religiosa que aconteceu de um «Te-Deum», cantado na basilica real de Santa Maria dos Anjos.

É a embriaguez do sangue que ainda fermenta os sentimentos guerreiros, é a glorificação é guerra, o maior elogio que se lhe pode fazer.

É que é mais admissivel e a coparticipação da igreja, essa igreja que diz interpretar a doutrina do Rabbi da Galilea.

Mas para que admiracão: a igreja e o Clero não estiveram sempre ao lado da guerra, do terror, da tyrania? Não vimos a sua coparticipação na ultima hecatombe europeia?

Não a vamos diariamente bater palmas e allar-se a toda a obra de terrorismo?

Mais um passo...

Telegrammas da Agencia Havna annunciam que o governo dos Soviets (S) resolveu annullar as restricções impostas para a importação de moedas estrangeiras.

É mais um passo de aproximação ao capitalismo estrangeiro que o governo russo acaba do dar.

Que bella conjunctura para um governo que se diz revolucionario!

Para ingleses ver

O sr. Primo de Rivera, antes de partir para a Italia em companhia do S. M. o rei Alfonso XIII, não podia deixar de publicar uma proclamação ao povo e ao exercito agradecendo a lealdade por elles demonstrada durante os ultimos dias (a contar do 2 do corrente) e o zelo com que, (apollando o governo, procuraram apressar a regeneração politica da Hespanha.

# AS LUCTAS PROLETARIAS

## Desencadeiou-se uma forte reacção contra a União dos Artífices em Calçados

A lei da imprensa em acção - Abertura de um inquerito policial - O relatório do dr. Bandeira de Mello - Prisões de grevistas - Fechamento da sede - Comícios - A greve geral da classe - Outras notas

A luta que os sapateiros estão sustentando com os seus exploradores vai-se, proferindo indefinidamente sem sequer se poder prever, o seu proximo termo e o seu completo triumpho.

A principio limitada a poucas casas, pela perseguição policial e pelos manejos patronaes em esmagar as justas e honestas pretensões operarias, tornou-se extensiva a toda a classe, transformou-se em um momento comunal, querendo os sapateiros com esse gesto garantir o seu pão e o de suas familias, garantindo ao mesmo tempo aquellas regalias já conquistadas, já adquiridas, já destructadas, mas que os industriaes avidos e insaciáveis lhes querem arrancar e arrebatar, visando com isso tornar os trabalhadores mais servís, mais obediétes e mais escravos, como já foram alguns annos atraz.

A classes dos sapateiros, porém, resiste, tem resistido e resistirá, esperamos, a todos esses temporaes desencadeados contra elles, a todas essas borrasças patronaes e policiaes que alludam ao promoven para committida derota desses denodados operarios que não compactuam com a subserviência nem com a abjecção tão gratas ao paladar burguez-policiaes.

Querem trabalhar mediante um salario compensador com que possam fazer face á asseorbante carestia da vida, de modo que não verem definir a companhia e os filhinhos por falta dum sustento nutritivo e abundante. E, além disso, querem gozar de relativa liberdade dentro da officina, o que é muito justo, pois o tempo das senzalias acabou em 13 de Maio de 1888 e fazel-o voltar é de todo impossível.

Um delegado da sua União, da sua associação de classe, em cada officina, encarregado de se entender com o patrão sobre questões de serviço referétes á corporação e de trabalhadores, haverá cousa mais justa, mais logica, mais consequente e necessaria?

Um delegado que junto do patrão ou gerente justifique, defenda, advogue ou alivie os interesses de todos os companheiros, que terá isto de extraordinario, para dar tantas dores de cabeça aos rapazes industriaes?

Sim, já sabemos. Dividi e venceréis, é o lema de todos os exploradores, de todos os patrões e de todos os potentados. O trabalhador, isolado é mais facil de engodar, do fludir, de domesticar. Meia duzia de promessas para o dia de S. Nuncia, meia duzia de chalaças, umas palminhas familiares no dorso e eis ali um pobre operario embaldado, lisongeado, enganado. Por isso essa operaria, essa hostilidade, essa revolta franca e aberta contra os delegados, os naturaes defensores das corporações, e contra a União dos A. em Calçados que congrega, systematiza e combina a defesa dos trabalhadores seus, associados e a resisténcia aos seus oppressores.

Mas os operarios sapateiros não serão vencer, resistir, impedir-se. Muito esperanos de sua pertinacia na luta, de sua constancia na defesa de seus interesses, no traquejo que vêm adquirindo através de tantas pugnas e pelejas associativas e sociaes.

E os trabalhadores, organizados ou não, de outras profissões

e misteres em que assumptos de alta monta pensam que não dão, que não têm dado até agora por essa luta titanica que os sapateiros vêm sustentando ha varios mezes? Andarão tão distraídos, tão alheados da luta de classes, de chocar das batalhas sociaes que ainda não comprehenderam a necessidade de ir em socorro e auxilio dos sapateiros em greve, ajudando-os material e moralmente? E se não, porque esperam para hypothecar todo o apoio e ajuda a União dos A. em Calçados?

Então os trabalhadores não devem ser um por todos e todos por um?

### O relatório do dr. Bandeira de Mello

A requerimento dos membros do Centro dos Industriaes, foi promovido perante o dr. Bandeira de Mello, director do Gabinete de Investigação, um inquerito policial contra os associados da União dos Artífices em Calçados, Arthur Simioli, por ser preso «quando ajudado por outros, affixava na travessa do Brazil, nas proximidades da casa Lucchetta», um boletim; e Augusto Gonçalves Fonseca, Luiz Papa, Alfonso Festa e outros como as determinações do § 29 do art. 72 da Constituição?

Assim se expressa, mais ou menos, o dr. Bandeira de Mello em seu relatório enviado ao Forum Criminal e dividido o inquerito sobre o aspecto de dois crimes que passa a considerar.

Segundo o que diz o dr. Bandeira de Mello em seu relatório, a causa do primeiro crime está na phrase «esta de ferro», que «ninguém poderá negar fosse clara e sem dolo, sem vontade clara de injuriar», phrase está contida em um boletim e que é considerada «crime de injuria» e como accentua o «paragraphe unico do artigo quarto do decreto 4743, de 31 de Outubro do corrente anno (lei da imprensa), combinado com a letra B do artigo 317 do Codice Penal; e como causa do segundo crime «constrangimento absurdo e inique á liberdade de trabalho...» — cita o «previsto no artigo 204 do Codice Penal: «Constranger, ou impedir alguém de exercer a sua industria, commercio ou offiçina...», reforçando com o § 29 do art. 72 da Constituição.

De posse do relatório do dr. Bandeira de Mello, publicado no «Estado de S. Paulo», corremos pressurosos a consultar a famigerada lei da imprensa (que vai ser executada justamente com o fim para que foi creada: anodacar a manifestação de pensamento e abafar a voz da consciéncia proletaria) em seu art. 4º § unico; o Codice Penal, art. 204 e lá encontramos as allegações apresentadas pelo dr. Bandeira de Mello em seu relatório.

Mas, quando folheamos a Constituição, encontramos no § 29 do art. 72 o seguinte disparte que tanto passou nos ouvidos:

«§ 29.—Os que allegarem motivo de creença religiosa ou fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham aos cidadãos, e os que acceitarem condecorações ou titulos nobiliares

chicos estrangeiros, perderão todos os direitos politicos.»

Mas, que relação tem o crime dos operarios Augusto Gonçalves Fonseca, Luiz Papa, Alfonso Festa e outros como as determinações do § 29 do art. 72 da Constituição?

Que allegações por motivo de creença religiosa fizeram os grevistas com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham?

Que condecorações ou titulos nobiliares estrangeiros acceitaram os grevistas, para serem apontados como criminosos?

Francamente, nada atinhamos desta confusão feita pelo dr. Bandeira de Mello, que quiz pheriar com os industriaes promotores do inquerito, ou cochilar quando consultou a Constituição.

Agora, ouçamos os operarios apontados como criminosos.

Quanto ao primeiro crime disseram-nos os grevistas que o facto de chamar o sr. Lucchetta «esta de ferro» do Centro dos Industriaes é porque, não obstante ser elle um dos responsaveis directos pela agitação do actual movimento, tem convicção de que também só foi escolhido, para presidente do referido Centro, porque melhormente se prestaria ao papel de responder por todas as perseguições movidas contra a União dos A. em Calçados.

Quanto ao segundo crime que o dr. Bandeira de Mello procura justificar com o que preceitua o art. 204 do Codice Penal, carece de fundamento—dizeramnos os grevistas.

O que fizeram, e nenhum dos accerados é capaz de contridizer a não ser por conceção ou despodoramento, foi pedir a solidariedade de todos ao movimento, pois que se tratava da defesa da União da classe que se achava ameaçada pelo Centro dos Industriaes.

Depois, quanto ao ponto em que o relatório fala dos delegados, fizeram-nos scientes de que a «missão unica» daquelles seus representantes nas fabricas ou officinas não é, como diz o dr. Bandeira de Mello, fazer a «cobrança das mensalidades ou de fiar alerta para recolher, no momento aprazado, os tostões dos companheiros», mas ainda: desenvolver a propaganda no seio da corporação que representa para que todos os operarios se associem; levar ao conhecimento da secretaria da União qualquer falta ou irregularidade que se verifique entre os operarios e outras medidas de importância secundaria para o caso em questão.

Diz o dr. Bandeira de Mello que «no pedem os grevistas: aumento de salario, principio em que geralmente se estribam todos os movimentos desta natureza».

Mas, pelo que nos disseram os grevistas e como o temos constatado, a origem do actual movimento foi o pedido de aumento da tabella de pregos de cada categoria de calçados, em face da crescente carestia da vida. Se o movimento deixou presentemente de ter aquelle caracter, foi porque os industriaes fundaram o Centro com o fim de resistir-lhes e mover guerra de morte á sua União negando-se a reconhecer os seus representantes dentro das fabricas e officinas, o que

equivale, como é desejo dolles industriaes, negar a existencia da União dos A. em Calçados, que se acha legalmente registrada e garantida pelo § 8º do art. 72 da Constituição, que reza:

«§ 8º.—A todos é licito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas, não podendo intervir a policia, a não para manter a ordem publica.»

E—concluíram os grevistas—o dr. Bandeira de Mello, que invocou a Constituição para zelar e defender os interesses dos industriaes, que são os unicos responsaveis, causadores e fomentadores do actual movimento grevista, não se lembrou do § 8º porque este não interessava aos seus defendidos. E que nos fomos do povo, e para o povo não foram feitas as leis.

Foi o bastante. Satisfeitos retiram-nos, certos de que, se o relatório do dr. Bandeira de Mello for estudado com imparcialidade e rectidão de justiça, a razão e o direito estão do lado dos operarios sapateiros, que outra cousa não desejam senão o direito de associação e a existéncia dos representantes seus nas fabricas e officinas para normalidade de sua vida associativa.

### A GREVE DIA A DIA

Desde que o ultimo numero de «A Plebe» foi posto em circulação a greve dos operarios sapateiros tem soffrido varias oscillações motivadas pela reacção policial que sobre elles foi desencadeada por ordem do dr. Bandeira de Mello.

### PRIMORDIOS DA REACÇÃO

A Assembléa que annunciámos para a segunda-feira seguinte no Salão Italia Fausta, deixou de ser realizada nesse local porque a policia entendeu de fazer pressão no seu proprietario, atemorizando-o com o fim de impedir a realização da assembléa annunciada.

Tendo disso conhecimento, a U. dos A. em C. providenciou para que a mesma assembléa fosse effectuada no Salão Celeso Garcia, muito contra a vontade da gente policiaes.

### FECHAMENTO DA SEDE

Como a policia se mostrava disposta a esphueclar o movimento grevista dos sapateiros, não trepidou em arrombar a porta da secretaria dessa associação de classe, no dia 12 á tarde, conduzindo tudo quanto ali encontraram: livros, quadros e mais objectos da secretaria, para o posto da rua 7 de Abril e deixando a porta permanentemente guardada por um policiaes armado, com severissimas ordens de não permitir que ali entrasse pessoa alguma.

### A ASSEMBLÉA DESSE DIA

Na assembléa do Salão Celeso Garcia, o proletariado sapateiro teve conhecimento da nova affronta, do novo insulto e da violencia que a União acabava de soffrer com o assalto á sua sede. Todos em unisono estigmatizaram o procedimento parcialissimmo que a policia acabava de commetter, ao mesmo tempo que deliberavam encetar uma forte campanha em defesa do direito

de organização proletaria, mais uma vez desrespeitado, e de firmar cada vez mais os laços de solidariedade que unie todos os sapateiros dentro da União.

### PRISÕES DE GREVISTAS

Mas as arbitrariedades policiaes não cessaram no assalto á sede social; outras violencias haviam de ser postas em pratica, com o fim de aterrorizar os grevistas. De facto, no dia 13 teve inicio o «pega-pega» dos elementos mais activos da União. Foram presos, nesse dia, os associados Alfonso Festa, Nicola Festa, Manoel Bueno, José Ribas, Arthur Simioli, Luiz Barone, Antonio de Oliveira, Augusto Fonseca e Cleodor Montebello.

Essa medida porém, com a qual a policia e os industriaes contavam solucionar a greve, teve resultado de todo contrario: producente para os seus intentos. Os sapateiros, que já estavam indignadissimos com as violencias antecedentes, não supportaram mais as provocações e se decidiram a proclamar a greve geral da classe.

### UM COMICIO DE PROTESTO

Assim foi que, na quarta-feira, a U. dos A. em C. convocou um comicio de protesto para as 13 horas, no Salão Celeso Garcia.

O dito salão fora tomado militarmente por um pelotão de soldados commandado por um delegado, com o fim de não permitir a entrada de quem quer que fosse no salão.

Essa arbitrariedade até se havia tornado comica, porque quando o delegado, com seus soldados, chegou, innumeros grevistas já estavam dentro do salão.

Entrar em pouco, porém, a situação se havia tornado grave. Uma verdadeira multidão estacionava em frente do salão e nas vizinhanças do mesmo.

O delegado, vendo á onda crescer, percebeu o perigo que o ameaçava e para sahir do aperto lembrou aos grevistas que fossem, em commissão de quatro ou cinco, expor o caso ao delegado geral, dr. J. B. de Souza.

A commissão foi constituída immediatamente e logo foi recebida pelo delegado geral a quem expoz a questão e reclamou energicamente o direito de reunião que lhes estava sendo negado.

O dr. J. B. de Souza cedeu, mas não sem proferir um monito de ameaças contra os grevistas, chegando até a dizer que mandaria dispersar o povo a espedaladas.

Foi então dado livre ingresso no salão. Os soldados foram retirados e logo mais os proprios agentes escupuliram; e os grevistas puderam effectuar a sua reunião com todo o socego.

### GREVE GERAL DA CLASSE

A greve geral foi proclamada nesse dia, ficando resolvido pelos grevistas que se publicasse um manifesto ao povo explicando as razões desse movimento.

Esse manifesto, que foi largamente distribuido por todo recanto da cidade, echoou com sympathia no seio de todas as classes traiznadas.

Para o dia 16 foi convocado mais um comicio no mesmo salão Celeso Garcia, ás 8 horas da manhã, affim de a classe patenecer mais uma vez o seu protesto contra o fechamento da sede



# Informações historicas sobre o movimento internacional proletario

Se se quizesse fazer a historia das ideias e das tentativas que precederam e prepararam a organização internacional do movimento syndical, precisaria-se remontar muito atraz.

Effectivamente, o internacionalismo operario appareceu ao mesmo tempo que se começou a desenhar junto aos trabalhadores uma consciencia de classe e quando se manifestou um desejo de reunir os seus interesses.

O apello de Marx e de Engels: «Operarios de todos os paizes, uni-vos!» é o eco retumbante das numerosas afirmações anteriores, das quaes fallia seria multiplicar os exemplos. Todavia seria excessivo dizer que estas afirmações foram, na origem, puramente operarias: ellas surgiram, antes de ninguem, do pacifismo dos utopistas e dos reformadores da primeira metade do seculo XIX, dos quaes por muito tempo é difficil separar-as. Depois, pouco a pouco, o sentimento bastante vago de fraternidade operaria reforçou-se da concepção que se a guerra e as ameaças de guerra são incompativeis com o bem estar, a liberdade, o progresso de todas as classes, e, cilaes são particularmente nefastas para as massas assalariadas, até que a ideia socialista se manifestou de maneira decisiva afirmando que as causas da guerra não podem ser supprimidas se não se organiza uma nova sociedade.

Pode-se notar o momento preciso no qual se traduz, de maneira completa, o internacionalismo operario: é o segundo Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizado em Genebra em 1867 e que declarava:

«Considerando que a guerra tem por causa principal e principal o pauperismo e a falta de equilibrio economico; que, para chegar a supprimir a guerra, não basta, somente abolir o exercito, mas é necessario tambem modificar a organização social no sentido duma repartição mais equanime da produção...»

## O SECRETARIADO SYNDICAL INTERNACIONAL

No mez de Agosto de 1901 tinha lugar em Copenhague o congresso dos Syndicatos Scandinavos, ao qual assistiram egualmente os representantes das organizações da Alemanha, da Inglaterra e da Belgica. A ideia duma organização commum das Centras nacionaes foi proposta por Legien, presidente da Comissão Geral dos Syndicatos allemães.

Foi decidido convocar para este fim as outras organizações nacionaes na occasião do Congresso allemão previsto para o anno seguinte em Stuttgart.

Doze nações responderam a este apello: Alemanha, Inglaterra, Austria, Bohemia, Dinamarca, Hespanha, Italia, Franca, Suecia, Holanda, Noruega e a Suisca. A conferencia discutiu o apoio reciproco nas greves, cujo cooperacão foi deixada aos diversos Comités centrais; a publicação de estatisticas communs; a instituição de um organismo central para fornecer aos syndicatos informações sobre leis e decretos de interesse para os operarios. Foi creado um Secretariado internacional e a sua direção foi confiada a Legien. Este secretariado tinha sede fixa em Berlim e era, sobretudo, um organismo de correspondencia e de transmissão. Além disso, decidiu-se realizar Conferencias Internacionaes de representantes

de Federações syndicaes nacionaes.

E foi este sistema que permaneceu em vigor até 1913.

As conferencias realizadas desde a de Stuttgart até ás respectivas da guerra foram: a de Dublin (1903), a de Amsterdão (1905), a de Christiania (1907), a de Paris (1909), a de Budapeste (1911) e a de Zurich (1913).

O numero das organizações nacionaes adherentes, nas vespersas da guerra, era de 19 — quatro das quaes do imperio austro-hungaro, — agrupando em numeros redondos setenta milhoes e quatro centos mil adherentes.

## UMA ORGANIZAÇÃO INSUFICIENTE

Mas tal organização era insufficiente. Desde a sua constituição foram emitidas criticas contra o sistema proposto por Legien, especialmente da Franca que pediu, em vez de simples conferencias realizadas pelos secretarios das Centras nacionaes, verdadeiros Congressos operarios com a participação dos secretarios das Federações.

Legien fez repellir esta ideia objectivo que taes congressos não seriam de qualquer utilidade para os interesses operarios. A sua concepção era particularmente limitada e mesquinha: «Se se podia esperar successo do recíproco a dar-se nas luctas egualitarias, mas para o qual as organizações syndicaes de boa parte dos paizes não eram bastantes fortes. As outras questões syndicaes podiam ser discutidas facilmente nos Congressos nacionaes ou internacionaes operarios (quer dizer, socialistas).

Em summa, a actividade do Secretariado era, estreitamente limitada a questões de organizações corporativas, pois que todas as questões greves tinham reservadas aos Congressos politicos.

Isto foi um motivo de viva opposição por parte da C. G. T. Franca, a qual fazia observar que o verdadeiro syndicalismo deve agir independente dos partidos.

Especialmente, foram as questões de antimilitarismo e da lucta contra a guerra que deram uma mais forte acuidade a esta controversia. A conferencia de Dublin reusando apresentar-se em ordem do dia sob o pretexto que ellas estavam impregnadas exclusivamente de actividade politica, a C. G. T. suspendeu, até ao Congresso de Paris, a sua participação nestas Conferencias.

O movimento syndical francez agabou por obter satisfacção, pois que a ultima Conferencia de ante a guerra — a de Zurich — de uma parte foi extensa nos secretariados profissionais internacionaes e, por outra parte, decidiu substituir o Secretariado Syndical internacional, por uma «Federação Syndical Internacional».

## A RECONSTITUIÇÃO DA INTERNACIONAL

Mas a guerra, sobrevindo no anno seguinte, não permitiu a nova organização desenvolver-se. Todos os laços pensosamente estabelecidos foram quebrados. A Internacional Syndical ficou cortada em dous pedaços.

Por um lado, a sede do Secretariado foi transferida de Berlim para Amsterdão e continuou a estabelecer contacto, entre os paizes belligerantes e neutros, na Europa central; do outro lado, criou-se um Bureau de correspondencia para os paizes alliaados, confiado a C. G. T. Franca. Durante a guerra mesma, pro-

duziu-se uma serie de manifestações que deixavam prever a possibilidade de restabelecer immediatamente, após a cessação das hostilidades, as relações syndicaes internacionaes.

Por parte dos alliaados realizaram-se as conferencias de Londres (1915) e, especialmente a de Leeds (1916). O programma das reivindicações operarias, elaborado nesta ultima, em vista da paz, foi retomado expressamente pela conferencia dos paizes neutros e neutros realizada em Berne no anno de 1917.

Foi nesta ultima cidade, que teve lugar, depois do armistício, do 8 a 9 de Fevereiro de 1919, a primeira Conferencia em que foi preparada a reconstituição da Internacional Syndical.

A Federaçao Americana do Trabalho tinha lançado a ideia de reunir as organizações operarias dos paizes belligerantes e neutros no mesmo lugar e no mesmo momento da Conferencia da Paz; esta ideia não podendo ser realizada em Paris, foi posta em execução na Suisca. Elegeram-se representantes, em Berne, 15 paizes, cujos delegados affirmaram as reivindicações dos trabalhadores e estabeleceram um programma de «Carta internacional do Trabalho».

A obra começada em Berne foi terminada em Amsterdão, do 26 de Julho a 2 de Agosto de 1919. Os delegados de 15 nações reconstituíram a Federaçao Syndical Internacional.

## 18 DE NOVEMBRO

Foi no anno de 1918. Uma nuvem negra toldava os horizontes da vida afflictiva e cheia de incertezas do proletariado, augurando-lhe dias terriveis.

Imperava, como ainda impera, uma formidavel catástrofe da vida, primigenia — dizem e ainda o dizem todos os exploradores — da Conflagração Europeia, a hecatombe carnificina que tanto lyto, tantas dores e dantas lagrimas espalhou pelos cantos do globo, e, como complemento ao programma devastador, veio a celebre epidemia cognominada de «hespanhola» e que passou para a historia como uma das maiores calamidades a que o mundo tem assistido.

A situação era por demais desesperada: além da miseria em que se debatiam os trabalhadores, devido ao eternamente párcos salarios que percebiam em proporção com a ascendencia vertiginosa e perpetua de tudo que nos é indispensavel a vida — alimentação, vestuario e alojamento — veio a paralyzante do trabalho e, por isso, a dos vencimentos, devido a gripa que a uniu todos ataques.

Sem trabalho, sem pão, deente e sem meios para medicamentos, a grande maioria dos trabalhadores presentia os esteriores da morte.

Ao reconhecer do trabalho os operarios do Rio principalmente, por intermedio de suas associações de resistencia, pediam que lhes fossem abonados 50% dos dias perdidos, pedido esse que os senhores Industriales deshumanamente negaram!

Os trabalhadores, vendo-se desamparados e desprezados por tudo e por todos, chegaram ao auge do desespero. Formularam então um caderno de reivindicações e, a 18 de Novembro de 1918, declaram a greve geral, vindo, muito constitucionalmente, a praça publica protestar contra as injustiças de que eram e ainda são victimas e firmam, concretizar seus votos de defega permanente das suas vidas e das suas familias.

O governo, o eterno alliado da burguezia e do capitalismo, a título d'uma tentativa de revolução, ou melhor, como julgamos nós, para justificar o desen-

damento d'uma systematica perseguição aos elementos consuetos do proletariado, sob pretexto de que o movimento era impulsionado por agitadores estrangeiros (o eterno ramerrão) e a ordem a dissolução do comicio, a prisão a dedo e em massa e o fechamento das associações operarias.

Para avaliar quanto foi falsa a declaração de tentativa de revolução, note-se isto: houve espaldejamentos, prisões e fechamento das associações, sem uma reacção seria por parte dos operarios.

Pode-se tomar por revolução social um movimento grevista em que os trabalhadores indefesos, famintos e doentes pedem que lhes seja concedido um pouco mais de pão, bem estar e descanso?

Só mesmo de ingenhos ou mal intencionados!

O vosso susto, senhores burguezes e governantes, foi prematuro! Não foi d'aquella vez ainda o ajuste de contas, o dia da suprema justiça! Oxalá que seja breve.

Conseguiram, sim, o que desejavam: um pretexto unico no genero para justificar o inicio do movimento de repressão contra a vanguarda proletaria e libertaria com vossas leis e gordas ou de repressão ao syndicalismo revolucionario e ao anarquismo, etc.

Datam dahi as perseguições, as prisões, as deportações e toda essa onda de reaccionarismo brutal e todo esse amontoadio de villainias e ignominias de que somos victimas diarias, percuemas, contantes.

Mas não importa! Um dia ha de soar a hora da justiça suprema.

Que nos persigam, nos opprimam, nos espremem e nos martyrizem, pois só assim poderam fazer com que o povo desperde deste marxismo cumplido e criminoso que é o seu principal característico e, exgotando toda a sua paciencia no soffrir, se resolve, se disponha a deixar definitivamente por terra esta almanjarra burguez-capitalistica que tanto nos infelicitou e denigre, fazendo justiça por suas proprias mãos.

Mostrae-vos inclementes e barbaros, senhores potentados, porque só assim podereis fazer com que o povo, os eternamente victimas dos vossos desmandados comprehendam duma vez, para sempre que com os vossos exploradores e oppressores não ha o nem pode haver contemporaneidade. A luta deve ser decisiva. E o 18 de Novembro de 1918 figurará eternamente em caracteres de sangue na historia das reivindicações populares do Brasil, como o marco inicial desta luta!

Petropolis. MAURO SERRA

## CORREIO PLEBEU

Catanduva — Mendocino — Remetemos os folhetos e os 40 numeritos da Rifa. — Pizzolito — Recebemos os 208. Rio — O Onifrio — Remetemos o n. 218. A remessa tem sido feita com regularidade, mas o correio continua apprehendendo o jornal.

Rio Grande — Colmenero — Recebemos sua carta. Não remetemos os folhetos pois estão exgotados. Passamos a «A Plebe» os 128. Ribeirão Preto — Nicastro — Esperamos alguma resposta ás perguntas que lhe fizemos na ultima carta a proposito do «A Plebe» semanal. Erechim — Zetevon — Recebemos os sellos. Escreveremos nos amigos de accordo com o que nos diz. Os livros foram remetidos.

Missões — Diegues — Suspendemos o pacote.

Code — Bernardino — Recebemos os 205000.

Jahú — Ontoria — Recebemos sua carta. Um bravo pelo interesse tomado pelo jornal.

Petropolis — Braz — Recebemos seus artigos e o do Litoral. Mãos escrevev duns cartas.

P. de Caldas — V. — Recebemos os jornaes devolvimos. Seguem mais 30 numeritos da rifa, conforme pedida.

ram creditados anteriormente, por isso passamos para a contribuição pacoteiros do interior.

Portugal — A Balaha — Remetemos uma carta e um valle de 100 caudatos. Escrevamos. — A Comuna — Idem. Argentina — La Aurora — Remetemos 3 pacotes para pagamento do jornal.

Italia — Fede — Remetemos 100 liras em conta dos pacotes. Augmentem para 50 o numero de exemplares. Sofia — Kozov — Para as obras da Gori remetemos 500 liras e em acco-tultimo remetemos 50 para «Il Conferenziere». Recebeu-as.

## Munições para «A Plebe»

LISTA de subscrições aberta entre os socios do Centro Operario de Victoria, Estado do Espirito Santo: Centro Operario, 108; O. Villas-Boas, 28; M. Carlos, 15500; J. O. Dell'Orto, 18; A. Rodrigues, 27; A. Olegir, 47; Um grupo de amigos do Jornal, 8500; E. Bassili, 28; A. Corré, 14; J. Martini, 18; B. Martins, 18; M. Trindade, 18; J. Vito, 18; M. Guttaes, 18; R. Gonçalves, 18; J. Alves, 58; J. Oliveira, 18; L. Vicente, 18; V. L. Lopes, 38; J. dos Santos, 18; J. Lamberto, 18; M. R. J. A. Total, 515000.

LISTA da União Geral dos Trabalhadores Coarenses, no mez do outubro: C. Filho, 28; J. Pinto, 28; Mesquita, 48; Falcao, 8500; J. Freitas, 18500; P. Ramos, 28; Innocencio, 28. Total, 187000.

LISTA do «Grupo Libertario Amigos de «A Plebe», de Fortaleza: P. F. Lima, 28; J. Mathias, 58300; Juca, 38; Faganha, 18; Muniz, 18. Total, 124900.

LISTA de «PAULO (Varças) Cordeiro, 18; Zappaloni, 28; Pirmino, 18; Bedaga, 18; L. Masculo, 108; Matos, 18; J. Coelho, 18500; União dos Canteiros, 7200; Hugo, 8800; Rociojo, 108; Mario, 18; Eliado, 35600; venda na «Innovadora», 25700. Total, 428000.

LISTA n. 71, a cargo do caixa: da «A. P.», J. Pinto, 108; Gaudin, 108; J. F. Costa, 58; Fernandes, 58; Fonseca, 108. Total, 408000.

## PACOTEIROS DO INTERIOR

Correia, Cacerua, 108; Grupo I. A. de «A Plebe» de Fortaleza, 228; L. Pizzolito, de Catanduva, 208; M. Bedaga, 18; J. Oliveira, Maranhão, 108; cada um, «Roduzindo Calogero, Rio Grande, 128; Grupo L. A. de «A Plebe» de Curitiba, 308; Centro de E. Sociedades de Petropolis, 54500; D. Braz, vende de 508 folhetos, 88; J. Diegues, Missões, 58. Total, 126500.

## DE VICTORIA

### Centro Operario

Temos o prazer de comunicare-vos que, no dia 1 de novembro, foi apresentada a nova comissão executiva do Centro Operario de Victoria, cuja comissão governa regular e desinteressadamente durante o semestre correspondente. A 1 de novembro e 30 de abril. Os membros que a compoem são os seguintes:

Secretario geral, Adolpho Olegir; ideia do relacão, Antonio Corré de Oliveira; Idem do actas, Alfredo Pereira; thesoureiro, José Martins; bibliotecario, Braz de Castro; procurador, Oscar Villas-Boas.

## AULAS DE ESPERANTO

Tendo o amador José Nascimento se promptificado a abrir um curso de estudo dessa lingua internacional, é de esperar que os trabalhadores estudiosos occorram ás suas aulas, que serão iniciadas bryvemente, na sede da União dos Chapeleros, sita, A Avenida Celso Garcia n. 51 (Entrada pelo rum. Progresso). A matricula é feita pelo companheiro José Sarmiento, das 7 ás 8 horas da noite.

## O NOSSO BALANCETE

ENTRADAS	
Saldo do numero anterior	764100
Lista do Centro Operario da Victoria	418900
Lista n. 71 a cargo do João Pinto	478000
Lista do Centro Operario de Curitiba	181100
Lista de G. H. A. de P. de Petropolis	181800
Exo Paulo-Vitória	428500
Pacoteiros do Interior	1184800
Total	4.0274000
DESPESAS	
Folhetos e typographia dos n. 222	2050000
Despachos	1184000
Sellos para expedicoes do interior, extra-terrestre e correspondencia	128000
30 caudatos	81000
Cartas, papel e envelopes	808000
Augusto de 1918	808000
Total	6.0388000
CONFRONTO	
Entradas	4.0274000
Despesas	6.0388000
Saldo	6584000